

## Reflexões sobre ecologia e desenvolvimento

27-02-99

[ Antigas teses a respeito da natureza e da economia passam por revisão e deixam polêmicas ]

[ As previsões constituem parte pouco importante da ciência ambiental ]

Será que houve alguma mudança significativa na visão dos economistas a respeito da questão ambiental, depois de tanta conversa sobre a noção de “desenvolvimento sustentável”, lançada globalmente em 1987 pelo Relatório Brundtland? Será que suas tradicionais preocupações com estabilidade, déficit público, crescimento, investimento, emprego, etc. passaram considerar também a sustentação do capital de recursos ambientais do qual dependem tais objetivos?

A resposta só pode ser negativa se a referência for *The Economist*, a revista que melhor reflete a evolução do pensamento econômico convencional. O grosso de seus leitores deve achar que os movimentos ambientalistas se baseiam em teses equivocadas, sem qualquer comprovação científica, defendidas por obscurantistas que adoram assustar. Segundo a revista, estes não se contentam em fazer pessimistas prognósticos invariavelmente errados: para tais lunáticos, as provas de que estão certos seriam justamente seus erros de previsão. E os exemplos sempre citados são as estimativas do Clube de Roma, publicadas em 1972 no famoso livro “*Limites do Crescimento*”.

No entanto, qualquer comparação desse tipo de abordagem aos progressos feitos pela ciência ambiental no último quarto de século rapidamente provoca uma grande surpresa: a escassez de seriedade e honestidade intelectual que assola a editoria de meio ambiente do mais importante hebdomadário econômico do mundo. E as melhores evidências estão nas quatro grandes questões globais: mudança climática, perda de biodiversidade, ameaça à camada de ozônio e chuvas ácidas.

Quem tiver dúvidas sobre a veracidade do aquecimento global precisa consultar os relatórios do painel intergovernamental conhecido pela sigla IPCC. Não encontrará alarmismo, mas apenas conclusões lastreadas no conhecimento científico já acumulado. A influência humana sobre o clima do planeta é perfeitamente discernível, muito embora não se disponha ainda de uma medida segura da elevação da

temperatura provocada pela concentração de dióxido de carbono na atmosfera. Quando esta dobrar, a temperatura poderá subir de 1,5 a 4,5 graus centígrados, o que continua a ser muita incerteza.

É unânime entre os cientistas que atual ritmo de desaparecimento de espécies é incomparavelmente maior do que em qualquer outro período dos últimos milhões de anos. Mas ainda são pouco conhecidos os efeitos desse sumiço sobre a complexidade, versatilidade e resiliência dos ecossistemas, o que dificulta a negociação de novos princípios para sua exploração e proteção.

A presença de gases CFC na atmosfera foi constatada no final dos anos 1960 e o “buraco do ozônio” descoberto em 1986. Mas foi somente em 1995 que o fenômeno ganhou reconhecimento e legitimidade internacional, graças à atribuição do Prêmio Nobel aos três químicos que demonstraram o forte impacto atmosférico dos CFC. E enquanto não surgiu a ‘Convenção das Nações Unidas para a Proteção da Estratosfera’, a imprensa conservadora não parou de alardear o ponto de vista das indústrias mais poluidoras.

Também data do final dos anos 1960 a descoberta sueca das chuvas ácidas, fazendo com que durante a década seguinte algumas medidas preventivas fossem tomadas na Escandinávia. Depois, o assunto foi objeto de muita briga entre países europeus e também entre o Canadá e os Estados Unidos. Hoje em dia, até a resistente Grã Bretanha aderiu ao esforços dos demais países desenvolvidos no sentido de tornar mais severos os limites às emissões. E o estoque de biomassa do continente europeu aumentou significativamente devido à expansão das áreas com cobertura arbórea e ao nítido avanço das práticas de manejo florestal. Felizmente não dá para medir qual teria sido o tamanho do estrago provocado pelas chuvas ácidas se tais precauções não houvessem sido adotadas, ironiza o professor Bert Bolin, do departamento de meteorologia da Universidade de Estocolmo e ex-presidente do IPCC.

A principal lição a ser tirada desses quatro exemplos é que as previsões, por melhor que elas sejam, constituem uma parte muito pouco importante da ciência ambiental. O trabalho conjunto de ecólogos com alguns economistas menos convencionais está voltado para os comportamentos individuais e coletivos que mais caracterizam o mundo social e natural. Podem ser comportamentos de células, organismos, humanos, partículas atmosféricas, corpos d’água, etc. Sobre tais comportamentos, hipóteses são formuladas, testes empíricos são organizados e implicações são discutidas. Mas é muito raro que tais procedimentos autorizem previsões. Ou seja, não passa de covardia espinafrar os ambientalistas por causa de previsões feitas há mais de 25 anos pelo Clube de Roma, como foi detalhadamente demonstrado no excelente fórum sobre o tema publicado pela revista *Environment and Development Economics* (Cambridge University Press: Outubro de 1998).

